

Recensões

Este número de Estudos Teológicos traz, pela primeira vez, uma parte especial contendo recensões bibliográficas, a qual deverá, na medida das possibilidades, continuar aparecendo com regularidade daqui para frente. Tais recensões apresentam-se na forma de ensaios ou de breves anúncios bibliográficos. Serão comentadas especialmente obras criadas ou traduzidas no âmbito latino-americano. A finalidade deste trabalho consiste tanto em realizar um levantamento do material existente como em fomentar o debate científico. Esperamos, desta maneira, proporcionar estímulos e informações valiosas aos nossos leitores. (Nota da Redação)

BERGER, Peter L. — **Perspectivas sociológicas.** Uma visão humanística, Ed. Vozes, Petrópolis, 1972.

No mercado brasileiro de livros surgiu há alguns meses mais um livro sobre sociologia. O título que o livro recebeu na tradução portuguesa (a tradução mais exata e sugestiva deveria ser "Um Convite à Sociologia"), pode sugerir ao leigo que se trata de apenas mais um livro a disputar o número reduzido de leitores brasileiros. Contudo, já no primeiro parágrafo do prefácio o autor começa a despertar o interesse do leitor, criando expectativas "sui generis" em torno do conteúdo: "este livro foi escrito para ser lido, e não para ser estudado. Não é obra didática, nem tentativa de sistematização teórica. Ao invés disso, é um convite a um mundo intelectual que pode ser considerado profundamente interessante e importante. Ao ser feito esse convite, torna-se necessário explicar que mundo é esse para o que convidamos o leitor, mas que fique bem claro que, se o leitor resolver levar o convite a sério, terá que procurar um guia mais amplo que este livro".

Mesmo que a intenção do autor possa parecer um tanto despretenciosa, o "convite" reveste-se de profunda seriedade e se justifica plenamente no mundo contemporâneo, visto a sociologia ter-se transformado atualmente, se não em "rainha das ciências", como o pretendia um de seus fundadores (A. Comte), mas pelo menos em ciência auxiliar de todas as assim chamadas Ciências do Homem. Nesse sentido, a sociologia dispensaria qualquer tipo de "propaganda", em especial ao considerar-se que há alguns anos estava entre aqueles cursos universitários que registravam o maior índice de crescimento.

Mas, é por outros motivos que a sociologia necessita de divulgação no Brasil. A sociologia tem um "status" extremamente confuso na configuração sócio-política atual: não é incomum confundir-se sociologia com subversão. No Brasil, apesar de institucionalizada, a sociologia ainda não é reconhecida como profissão, por motivos

que variam desde a falta de definição do perfil da carreira profissional do sociólogo, até motivos de ordem político-ideológica (“sociologia é socialismo”, “sociologia não é ciência, é ideologia”, “sociologia conduz a áreas de pensamento perigosas”). É no sentido de superar estes e outros preconceitos que considero importante esta obra, porque descreve em uma linguagem simples, agradável, mas profunda, certas características essenciais da sociologia, revelando o sentido e a importância do “que fazer” sociológico. É evidente que P. Berger não consegue reduzir a complexidade da ciência chamada sociologia a um pequeno conjunto de capítulos. É todavia importante frisar que há diferentes correntes dentro do pensamento sociológico, enquadrando-se o autor na tradição da fenomenologia. É a partir desse ângulo que P. Berger conduz o leitor ao mundo fascinante da sociologia.

Como em todas as obras sociológicas traduzidas, também esta sofre os condicionamentos do autor e da sociedade em que foi escrita. O leitor brasileiro avisado sabe que toda a produção científica estrangeira, caso não se queira contribuir para a permanência de uma “situação de dependência”, onde a criação científica, tecnológica, cultural, etc. seja fruto de transplantação mecânica, deve passar pelo crivo de um processo de assimilação crítica. Por isso é importante alertar o leitor que o conteúdo da obra não deve ser meramente consumido e, eventualmente, aplicado infrutiferamente no contexto da realidade brasileira (muitas vezes não atingindo o resultado previsto, devido à perda de funcionalidade no novo contexto), mas submetido a um processo de reflexão crítica em termos de “realidade brasileira”.

São muitos os aspectos relevantes do conteúdo da obra em epígrafe. A seguir serão destacados apenas alguns pontos.

Depois de descrever e analisar as imagens mais populares que os americanos têm do sociólogo e de caracterizar o objeto e o método da sociologia, o autor conduz o leitor com muita inteligência pelos labirintos do mundo da sociologia. No capítulo II, intitulado “A Sociologia como forma de Consciência”, preocupa-se sobretudo em mostrar que a sociologia é por excelência uma ciência/consciência que “olha por trás” dos fatos sociais. É por essa razão que a sociologia é também caracterizada como a “arte da desconfiança”.

A sociologia em seu afã científico olha além da fachada das estruturas sociais, dos problemas políticos, das estruturas de poder. Assim, por exemplo, na análise das denominações protestantes “o investigador sociológico logo enxergará além da massa de confusa terminologia que designa os titulares de cargos na burocracia eclesiástica e identificará corretamente os detentores do poder real...” (44). Ou, o problema sociológico é sempre a compreensão em termos de interação social. Por isso, o problema sociológico consiste menos em determinar porque algumas coisas ‘saem erradas’ do ponto de vista das autoridades do que conhecer como todo o sistema funciona, quais são os seus pressupostos e como ele se mantém coeso” (47). Além de sua função de desmistificadora da realidade social, a sociologia caracteriza-se por seu posi-

cionamento de não-respeitabilidade. “O quadro de referência sociológico, com seu método inerente de procurar outros níveis de realidade além dos definidos pelas interpretações oficiais da sociedade, traz consigo um imperativo lógico de desmascarar as simulações e a propaganda com que os homens ocultam suas ações recíprocas” (49).

A não-respeitabilidade da consciência sociológica não implica necessariamente, segundo o autor, numa atitude revolucionária. “Estamos dispostos a ir ainda mais longe e dizer que a percepção sociológica é refratária a ideologias revolucionárias, não porque traga consigo alguma espécie de preconceito conservador, e sim porque ela enxerga não só através das ilusões do “status quo” atual como também através das expectativas ilusórias concernentes a possíveis futuros...” (58).

Analisa P. Berger ainda duas outras dimensões da consciência sociológica, ou seja, a da relativização e a do motivo cosmopolita, concluindo com a observação: “a perspectiva sociológica constitui um panorama amplo, aberto e emancipado da vida humana. O bom sociólogo é um homem interessado em outras terras, aberto interiormente à riqueza incomensurável das possibilidades humanas, sequioso de novos horizontes e novos mundos de significado humano” (64).

Nos próximos três capítulos centrais da obra são examinadas e analisadas as três perspectivas sociológicas fundamentais: a) O Homem na Sociedade, b) A Sociedade no Homem e c) A Sociedade como Drama. No primeiro desses capítulos são analisados os problemas do condicionamento societal do Homem, isto é, do controle social. “Se voltarmos à imagem de um indivíduo localizado no centro de um conjunto de círculos concêntricos, cada um dos quais representa um sistema de controle social, podemos compreender um pouco melhor que situar-se na sociedade significa situar-se em relação a muitas forças repressoras e coercitivas” (90).

“A sociedade, como fato objetivo e externo, manifesta-se sobretudo na forma de coerção. Suas instituições moldam nossas ações e até mesmo nossas expectativas. Recompensam-nos na medida em que nos ativermos a nossos papéis... As sanções da sociedade, a todo momento da existência de nos isolar entre os outros homens, expor-nos ao ridículo, privar-nos de nosso sustento e de nossa liberdade e, em último recurso, privar-nos da própria vida... Finalmente, estamos localizados na sociedade não só no espaço, como também no tempo. Nossa sociedade constitui uma entidade histórica que se estende temporariamente além de qualquer biografia individual. A sociedade precedeu-nos e sobreviverá a nós. Nossas vidas não são mais que episódios em sua marcha majestosa pelo tempo. Em suma, a sociedade constitui as paredes de nosso encarceramento na história” (105).

No capítulo seguinte, “A Sociedade no Homem”, o autor examina de uma forma muito inteligente, a partir dos conceitos de “papel social”, “sociologia do conhecimento” e “grupo de referência”, o problema da internalização da sociedade no Homem. “As

estruturas da sociedade tornam-se as estruturas de nossa própria consciência. A sociedade não se detém na superfície de nossa pele. Ela nos penetra, tanto quanto nos envolve. Nossa servidão para com a sociedade é estabelecida menos por conquista que por conluio. Às vezes, realmente, somos esmagados e subjugados. Com freqüência muito maior caímos na armadilha engendrada por nossa própria natureza social. As paredes de nosso cárcere já existiam antes de entrarmos em cena, mas nós a reconstruímos eternamente. Somos aprisionados com nossa própria cooperação” (136).

A partir desta colocação o autor trata de uma terceira perspectiva sociológica (“A Sociedade como Drama”) em que é analisado o problema sociológico da liberdade. “Só nos afastando das rotinas corriqueiras da sociedade é que nos é impossível confrontar a condição humana sem mistificações consoladoras. Isso não significa que somente o marginal ou o rebelde possam ser autênticos; significa que liberdade pressupõe uma certa liberação de consciência. Quaisquer que sejam nossas possibilidades de liberdade, elas não se poderão concretizar se continuarmos a pressupor que o ‘mundo aprovado’ da sociedade seja o único que existe” (166).

Após discorrer sobre o problema dos valores (“maquiavelismo sociológico e ética”), finalizando a sua obra, Peter Berger procura caracterizar a sociologia como disciplina humanística. “Seria de maior conveniência que a sociologia não se fixasse numa atitude de cientificismo circunspecto, cego e surdo às palhaçadas do espetáculo social. Se agir assim, a sociologia poderá vir a adquirir uma metodologia infalível, apenas para perder o mundo dos fenômenos que se dispusera a explorar — destino tão triste quanto o do mágico que finalmente descobriu a fórmula que libertará o poderoso gênio da garrafa, mas que esqueceu o que lhe queria pedir” (183). Quanto ao ponto de vista metodológico e à própria atividade científica da sociologia, devem orientar-se pelo objeto principal das humanidades — a própria condição humana, o que implica em largueza de espírito e universalidade de visão.

Justificando a presença da sociologia em todos os currículos das escolas modernas, afirma o autor: “Julgamos que o ensino da sociologia se justifica na medida em que educação liberal tenha mais que uma mera ligação etimológica com libertação intelectual. Onde não haja essa idéia, onde a educação seja vista em termos puramente técnicos ou profissionais, que a sociologia seja riscada do currículo. Ela só servirá para atrapalhar o curso normal deste currículo, desde, é claro, que a sociologia não tenha sido emascuada de acordo com o ‘ethos’ educacional que prevalece em tais situações, entretanto... a sociologia é justificada pela convicção de que é melhor estar consciente do que inconsciente e que a consciência é uma condição de liberdade” (193).

No momento da conscientização “vemo-nos realmente como fantoches. De repente, porém, percebemos uma diferença decisiva entre o teatro de bonecos e o nosso próprio drama. Ao contrário dos bonecos, temos a possibilidade de interromper nossos movimentos, olhando para o alto e divisando o mecanismo que nos

moveu. Este ato constitui o primeiro passo para a liberdade. E nesse mesmo ato encontramos a justificação definitiva da sociologia como uma disciplina humanística" (194). Com essas palavras de conteúdo profundamente político o autor conclui a sua obra que, diga-se de passagem, provavelmente convencerá a todos os leitores de que a sociologia é efetivamente "um mundo sério" e que exige de todos aqueles que a compreendem mais do que a mera participação como fantoche, mas como ser humano transformador participante no drama da sociedade. Longe dos debates acadêmicos e academicistas, preocupados com "teoria pura", com "metodologia" e com aparentes "problemas sociais", o autor procura caracterizar o mundo da sociologia — o sociólogo e a sociologia —, como algo que está preocupado em realmente compreender o comportamento humano, vendo-se a função da sociologia primordialmente como humanização do mundo. Trata-se efetivamente de uma das melhores introduções à sociologia existentes na língua pátria.

Dr. MANFREDO BERGER — P. Alegre

SCHWEITZER, Wolfgang — **Liberdade para Viver**. Questões fundamentais da ética. Editora Sinodal, 1973, 93000 São Leopoldo, RS, C. P. 14, — 191 pp., Cr\$ 25,00.

O fenômeno da teologia cristã acha-se em metamorfose. Comparada com a situação anterior, quando "teologia cristã" era quase idêntica a "teologia européia", hoje ela está voltando a ser verdadeiramente ecumênica: as tradições teológicas introvertidas do assim chamado ocidente cristão abrem-se lentamente ao pensamento teológico mais espontâneo e livre do ônus da tradição, proveniente das igrejas "jovens". Em todo caso pode-se falar de uma teologia do Terceiro Mundo, uma vez que todos seus pronunciamentos, por mais diferentes que sejam entre si, são caracterizados por uma nova autonomia em relação a pais e irmãos teológicos no continente europeu.

Em tal situação é mais que justificada a pergunta se este processo de indigenização não é prejudicado pela importação teológica da Europa como a representa também a presente tradução. E esta questão se agrava ainda mais, justamente no caso desta publicação, em vista do fato de se tratar de um esboço de uma ética teológica. Porque justamente a ética é tão contextual como nenhuma outra disciplina. Recebe seus problemas da situação concreta no nosso caso: do Brasil da segunda metade do século XX.

Também no livro de Wolfgang Schweitzer (professor catedrático de teologia sistemática da Kirchliche Hochschule Bethel, Alemanha, e ao mesmo tempo redator da renomada Revista para Ética Evangélica — ZEE) pode-se notar constantemente a intervenção dos fatores nacionais, jurídicos, econômicos e sociais na problemática da ética. Basta escolher alguns exemplos como: a posição da igreja para com o casamento de divorciados, o problema dos que se negam a prestar serviço militar, ou ainda a pro-